

Notas Sobre Livros

Pode um leigo escrever sobre uma obra especializada? Sim, quando essa obra especializada é feita com tal maestria e simplicidade que se torna acessível também ao leigo.

É o caso de O idioma brasileiro do professor Antenor Nascentes, em bela edição (2ª) da Livraria Acadêmica.

Temos neste volume de cerca de 300 páginas uma gramática, um excelente estudo da língua portuguesa e apêndices preciosos que servem a todos para dirimir dúvidas.

Assim como depois do ginásio, na idade madura, nos reconciliamos com os Lusíadas e lhes descobrimos verdadeiros mananciais de beleza poética que a dura análise sintática nos ocultava, assim com a exposição clara e precisa do professor Nascentes nos reconciliamos com a gramática e ela nos parece fácil e suave.

Isto acontece, creio, devido ao fato de tratar-se de um cientista da língua e não um gramaticista. Além disso, Antenor Nascentes parte da compreensão de que é o povo que faz a língua e os filósofos lhe dão as mesmas essenciais. Em outras palavras, de que a língua é uma coisa viva e um fenômeno social, não podendo ficar presa a regras imutáveis; de que a língua, instrumento necessário de contato entre os homens, evoluindo com a evolução do pensamento, deve necessariamente acompanhar o progresso da ciência e da técnica, o progresso do povo a que serve de instrumento de comunicação, e portanto modificar-se constantemente.

Dai a ausência de qualquer dogmatismo nos ensinamentos deste mestre da nossa língua. Para mim, pelo menos, foi um encanto ler em O idioma nacional, aceita pelo Autor, a afirmativa de Sívio Romero — "com a largueza de vistas que o caracterizava", ao receber Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, "que preferia os escritores que colocassem bem as línguas, aos que colocassem bem os pronomes" (p. 153). Refere-se ainda o professor Nascentes à "exagerada importância que se dá à colocação dos pronomes". É uma prova de que o professor Nascentes não é um fanático da gramática, mas leva em conta as características do português no Brasil, sem naturalmente cair no exagero oposto de pretender que não falamos o português mas o brasileiro. A este respeito, a posição do Autor fica bastante clara nas páginas dedicadas ao português do Brasil, onde são acentuadas as diferenças mais flagrantes em relação ao português da Europa. Quanto a certas expressões portuguesas de Portugal, adverte o prof. Nascentes: "Um brasileiro não fala assim; não deve, por conseguinte, escrever desta maneira, embora do ponto de vista do português esteja muito certo" (p. 171).

Outra característica a destacar no livro de que falamos é que, ao contrário de muitos filólogos, o professor Nascentes costuma citar opiniões de outras autoridades da língua, não pretendendo ser o único certo.

O idioma nacional é, por estas e outras qualidades — gramática e sociologia da linguagem — contribuição valiosa ao bom conhecimento da língua portuguesa. Gerações de brasileiros têm aprendido a língua materna com Antenor Nascentes. Na medida em que o povo brasileiro se libertar do analfabetismo que ainda acorrenha mais da metade da nossa população, saberá valorizar cada vez mais este estudo de paciência e erudição que é O idioma nacional.

Rui Focó

OS BILHETINHOS

Fôsse eu o presidente Jânio Quadros (coisa que não queria de jeito nenhum) e escreveria um bilhete proibindo todos os bilheteiros de jornalistas e até de escritores. Estamos nadando num mar de bilheteiros e o pior é que em todos eles há ódio, vingança, pedidos de inquirições, de demissões, de castigos. Que o presidente governe com recados para cá e para acolá — os bilheteiros — ainda compreendo, se bem que não aprovo. Mas que eles superabundem em todos os setores, que correm os ares em todas as direções, isso é muito forte. De arder.

Várias vezes tenho dito e repetido: não sou opositor sistemático, não gosto de destruir. Prefiro aplaudir e sempre que possível colocar minha pedrinha numa construção social. Até o presente momento porém ainda não pude bater uma palma para o presidente atual. Fala-se em reconhecimento dos países socialistas (alo que aplaudirei) mas até agora tudo continua no ar, como, aliás, no ar tudo continua a não ser o pessimismo lançado, esse ódio desentadeado, esse ar de transformar todos nós em zumbis com processos inquisitoriais.

Muita coisa anda errada neste país, mas o caso não é de hoje, vem de longe e não serão bilheteiros que mudarão essas e outras coisas. Não posso admitir, por exemplo, que haja necessidade de botar para fora todos os diretores de serviços do governo passado. Devia haver entre eles, com certeza, gente que prestasse, e há os técnicos, há os especialistas. Mas nem esses foram respeitados. Rua todo mundo. Novas nomeações, tudo novo. Será que os novos são melhores? E o respeito aos técnicos? Fuzaro não gosta de Beltrano? Manda um bilhete ao presidente: mande fazer uma devassa em tal lugar e apurar as responsabilidades de Beltrano. E lá vem outro bilheteiro, que de bilheteiros estamos vivendo.

A vida está tão pesada, andamos respirando um ar tão denso que chega a atingir pessoas que até então pareciam indiferentes aos problemas. Ou até pessoas, como eu, que nada têm a perder (só tenho um mundo a ganhar) ficam assim, querendo compreender e não compreendendo nada — para ser sincero — compreendendo demais.

Mando um bilhete ao povo brasileiro: coragem minha gente, coragem porque o hoje anda à volta. Não nos deixemos dominar pelo pessimismo. Continuemos firmando na nossa luta por dias melhores. Eia Jânio, com oestica.

Encido

Tópicos Típicos

Diálogo entre Austrégio de Athayde e Marques Rebelo, por ocasião de um encontro, na rua:

A.A. — A Academia Brasileira de Letras está se renovando, você viu? Vamos admitir Jorge Amado.

M.R. — Só me impressionaria no dia em que admitirem o Pelé.

A.A. — 717

M.R. — E classe! Poesia também se faz com os pés, meu caro.

Conversa entre o falecido pintor Santa Rôsa e uma bela senhora da sociedade, que designaremos por X:

X — Ouvi dizer que o senhor aprecia as mulheres de cor.

S.R. — Não diga!

X — Não lhe agradam as brancas, por acaso?

S.R. — Não tenho preconceito contra elas, minha senhora...

Má alguns anos passados, o arquiteto João Kair perguntou à filha do arquiteto Sérgio Bernardes, que é sua afilhada, que presente de aniversário ela queria ganhar. Ela pediu um coelhinho, Kair deu-o.

No ano seguinte, ele repetiu a pergunta e ela respondeu:

— Um coelhinho.

Kair estranhou:

— Outra vez? Mas eu já lhe dei um...

Ela esclareceu:

— É, mas aquele o papai comeu.

O mesmo João Kair, surpreendido por Sérgio Bernardes em brigas feras com o cachorro doméstico, justificou-se:

— Foi ele que começou...

Quando, em 1956, a nossa imprensa noticiou que Nasser limitara a número de filhos que cada casal podia ter no Egito, uma das vezes que se fez ouvir, protestando, foi a do padre Alvaro Negromonte, que disse:

"Trata-se de um atentado às mais íntimas liberdades da pessoa humana!"

Marques Rebelo, na sua coluna da CLTIMA HORA, escreveu:

"A indignação do padre Negromonte não tem a menor razão de ser. O reverendo não é egípcio."

Pedro Severino

ALVORADA NO CORAÇÃO D'AFRICA

PATRICE LUMUMBA

Há um milênio, negro, sofres qual uma besta, e são tuas cinzas lançadas ao vento que vaga pelo deserto. Teus despojos erigiram templos encantadores e resplandescentes para conservarem teu espírito, conservarem teu sofrer. Direito bárbaro de bater o direito branco de açoitá-lo, tinhas o direito de morrer, podias também chorar. Em teu tom, infundas fomes, infundos grilhões eles esculpiram e ate sob o abrigo das florestas espreitava de forma horrenda a morte cruel, perfida, que se esqueirava para ti como galhos saídos dos troncos e das cepas das árvores e enleava teu corpo e tua alma enferma.

Sob teu peito então lançaram enorme vibora traiçoeira: a aguardente que foi a canga que em teu pescoço armaram a esposa amada arrastada ao brilho de miçangas baratas e tuas riquezas sem fim que não se podiam medir. Lá de tua choça os lantãs ecoavam na escuridão da noite através dos caudalosos rios negros levando doridas lamentações, que diziam de mãos violentadas, correntes de lágrimas e sangue, que diziam de barcos singrando para lugares em que o homenzinho chafurda num formigueiro e onde o dólar é rei, para aquela maldita terra a que chamam de metrópole. Lá, teu filho, tua mulher foram triturados, dia e noite, por um moinho aterrador e impiedoso, esmagando-os dolorosamente. Es homem como os outros. Rogam a ti que acredite em que o bom deus branco ao fim reconciliará todos os homens.

Ao pé do fogo, sofras e cantavas os teus queixumes de mendigo sem pátria que se humilha a portas estranhas. E quando um fervor te possuía e o teu sangue fervia pela noite adentro dançavas, entoavas lamentos, obsedado pela paixão paterna. Qual furia tempestuosa sobre o cantar de máscula melodia uma força explodia em ti respondendo a mil anos de miséria na voz metálica de jazz, num brado revelado que ribombava pelo continente em gigantesca rebenção. Surpreendido, o mundo inteiro acordou em pânico, diante do ritmo violento de sangue, do ritmo violento de jazz, o homem branco empalidecendo ante essa nova canção que leva a purpura tocha pela escuridão da noite. Eis a alvorada, irmão, a alvorada! Vê em nossos rostos, uma nova manhã desponta em nossa velha África. Serão apenas nossos, a terra, as águas, os rios poderosos, ao pobre negro usurpado há mil anos atrás. E os archotes impávidos ao sol brilhando para nós outra vez secarão as lágrimas dos olhos os cuspos de teu rosto. O momento em que romperes os grilhões, os pesados ferros, os tempos ruins e cruéis desaparecerão para não mais voltar. Um Congo livre e altaneiro que surgirá da negra terra. Um Congo livre altaneiro — a negra flor, a negra semente! (Traduzido do texto em inglês, publicado no The Canadian Tribune, por B. L.)

CANTO FUNEBRE PARA LUMUMBA

RUY GUILHERME BARATA

Um canto para Lumumba. Uma flor em seu cabelo Uma dor doendo fundo como dói o coração. Um desespero crescendo com tamanha traição. Um sentimento de culpa, de culpa sem remissão. Uma lágrima caindo sobre seu corpo no chão e sobre o imperialismo nossa eterna maldição. Castro Alves, meu poeta dá-me tua inspiração, morto Lumumba caiu, mais Lumumbas cairão. Traz meu grito de Palmares, verso meu toema em canção, há novo berço negreiro ultrajando teu pendão. Cessem tambores de paz, rufem os da rebelião, uma pedra por Lumumba seja nossa obrigação. Pranto meu de tantas cores que a senzala misturou: vê teu Congo, chaga viva chaga que usura chagou. Chaga-corpo de Lumumba, chaga-mão que assassinou, chaga-povo sem Lumumba que chaga-morte assolou e a liberdade estre chagou quando Lumumba tombou. Cessem tambores de paz, guerra ao que morte pregou!

Ah! negro irmão, negro Congo, negra noite a se espalhar! Castro Alves, eis teu povo que não pára de chorar! Antes, ferros das algemas, hoje, ferros de matar, ontem na terra estrangeira estrangeiro hoje no lar, Ferro que mata e escraviza não devemos perdoar. Antônio, dá-me teu verso, faz o ferro enferrujar. Faz o tempo ser mais tempo, faz a messe madurar, faz o corpo de Lumumba no canto meu despertar, faz sua boca assassinada por minha boca falar: a negra cor de Lumumba seja tinta a eternizar a presença do homem livre que não quis capitular. Antônio, neste meu canto faz Lumumba levantar!

Beatriz JANDEIRA

Ainda o PROGRAMA

Continuando os comentários sobre as declarações do dr. Clovis Góes, novo diretor do S.N.T., vejamos o que nos promete: auscultar os desejos de toda a gente de teatro a fim de ser no S.N.T., um representante de todas as categorias teatrais. Com tal fim, participou recentemente, de uma Assembleia da União Paulista da Classe Teatral (da qual é presidente a atriz Cacilda Becker) no Teatro de Arena. Promete visitar todas as entidades teatrais para conhecer-lhes as necessidades. Pedirá sugestões para o melhor funcionamento do SNT, convocando, finalmente, uma assembleia geral para debates. Pretende descentralizar o SNT, criando conselhos consultivos nas principais cidades brasileiras. As verbas serão divididas, de acordo com a importância do movimento teatral de cada Estado e distribuídas mediante o parecer dos conselhos consultivos. (grife nosso) Promete aproveitar os alunos recém-formados pelas Escolas (esperemos que entre estes figurem, especialmente, os do Conservatório Nacional, os quais têm sido até agora desprezados, apesar de se contar em nossos palcos diversos elementos saídos desse Conservatório, alguns de grande talento, mas que abriram seus caminhos sem o menor amparo oficial). Está ciente de que uma ponderável corrente de opinião pensa que o Teatro Nacional de Comédia deveria dedicar-se exclusivamente a encenação de peças brasileiras de herito artístico. Sabe do mal funcionamento do citado Conservatório; não ignora que existem professores que não cumprem exatamente, como deveriam, suas obrigações para com o Conservatório e seus alunos. Palavras dele: "Entre os numerosos professores existentes, são poucos os que lecionam com obediência de um horário regular". Promete viajar pelos Estados, fazendo um levantamento da situação do teatro em todo o país. Promete incentivar a excursão de conjuntos teatrais de qualidade, levando assim o teatro às cidades do interior. Enfim, parece que estamos diante de um administrador sério e disposto a trabalhar. Oxalá os fatos corroborem as promessas, e os planos se realizem. Essa maneira de encarar o teatro como algo dinâmico e democrático indo ao encontro do público — a menos favorecido economicamente, é claro — em vez de esperar por ele, é, sem dúvida, o sonho de todos aqueles que amam o teatro.



Cubanos Promovem Concurso Sobre a Obra de José Martí

O Centro de Estudos Marianos está promovendo este ano o Primeiro Concurso Internacional de ensaios sobre a obra literária de José Martí. O regulamento do concurso é o seguinte: 1 — Os ensaios deverão ser inéditos, redigidos em idioma espanhol e com um mínimo de 50 páginas e um máximo de 150. Os trabalhos deverão ser datilografados em papel tamanho carta, dois espaços, em cinco cópias e assinados com pseudônimo. 2 — Cada obra deverá ser acompanhada de um envelope fechado, sobrescrito com o título do ensaio e o pseudônimo do autor, em cujo interior deverão constar o título do ensaio, o pseudônimo, o nome e o sobrenome do autor, com a sua assinatura e seu endereço. O envelope será aberto apenas no caso de o ensaio ser premiado. 3 — Os ensaios deverão ser enviados ao Centro de Estudos Marianos, Apartado Postal 6376, La Habana, Cuba, até 19 de maio de 1961, dia em que será encerrado o recebimento dos trabalhos.

4 — Além da publicação, a obra vencedora fará jus a um prêmio de 300 dólares. 5 — O júri será composto de três estudiosos da vida e da obra de José Martí, cujos nomes serão conhecidos brevemente. 6 — O resultado será divulgado no dia 16 de junho de 1961.

A obra de Villa-Lobos estudada na Polônia

O musicólogo polonês Janusz Ekiert publica, no último número da revista polonesa «Movimento Musical», longo artigo de análise da obra do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos. Janusz Ekiert esteve recentemente no Brasil, acompanhando sua esposa, a pianista Lydia Grychotowna, participante do último Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, ainda em vida do compositor brasileiro. O estudo do musicólogo polonês traz o título «Villa-Lobos, descobridor do Brasil» e à certa altura declara que, assim como Cabral descobriu o país americano em 1500, Villa-Lobos o revelou ao mundo através de sua arte magnífica e original. Refere ainda Ekiert os contatos de Villa-Lobos com os compositores europeus, como Milhaud, e especialmente com os músicos poloneses, como Szymanowski, Rubinstein e Pavel Kochanski.

ACABA DE CHEGAR O MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO (em castelhano)
— peça a hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgote.
... redigido por um grupo de destacados publicistas soviéticos, sob a direção de Oiso V. Kusninen.
... conseguiram os seus autores, oferecer-nos uma pequena enciclopédia dos fundamentos do marxismo-leninismo, encontram-se aqui, claramente sintetizados, os aspectos básicos da doutrina marxista, em sua projeção atual.
A unidade harmônica dos problemas tratados na obra, a clareza e brilhantismo com que são expostos, conjugados com uma grande riqueza de argumentação e documentação, com uma seleção muito cuidadosa dos textos clássicos de Marx, Engels e Lênin, citados em suas páginas, fazem da mesma — um guia de estudo insubstituível para quantos quiseram informar-se de uma teoria, em torno da qual gira hoje a marcha do mundo.
brochura: 960,00
encadernado 1.340,00
Faça o seu pedido pelo reembolso postal a
LIVRARIA DAS BANDEIRAS
Rua Riachuelo, 342 - loja 2 - fone: 36-4871 - São Paulo - ATENDEMOS PRONTAMENTE